

## *Borges, um assíduo personagem de contos latino-americanos: as releituras ficcionais de mempo giardinelli*

Isis Milreu <sup>1</sup>

**Resumo:** Além de ser objeto de inúmeros estudos críticos e acadêmicos, Jorge Luis Borges foi convertido em personagem de várias narrativas em diversos países. Na América Latina, a sua literaturização está presente, principalmente, em contos. Consideramos ser relevante analisar essas obras, pois representam um procedimento crescente no âmbito literário latino-americano contemporâneo. Visando a contribuir com a discussão desse assunto, nesse trabalho examinaremos como o autor argentino foi ficcionalizado em dois contos de Mempo Giardinelli: “La entrevista” (1979) e “El libro perdido de Borges” (2005). Assim, investigaremos os objetivos de Giardinelli ao literaturizar o escritor e como dialogou com a poética borgeana e a história da literatura em suas ficções.

**Palavras-chave:** Borges personagem. Conto latino-americano. Literatura contemporânea. Mempo Giardinelli.

### **Palavras iniciais**

Atualmente, Jorge Luis Borges (1899-1986) é considerado um dos maiores autores do século XX. Quase trinta anos após a sua morte, sua literatura continua a cativar novos e antigos leitores e influenciar escritores e críticos, além de instigar tanto estudos teóricos quanto releituras ficcionais, uma evidência da atualidade de sua poética. Contudo, as primeiras publicações borgeanas geraram várias polêmicas entre os seus contemporâneos, encontrando diversos defensores e detratores, como podemos verificar nos livros *Contra Borges* (1978), de Juan Fló, e *Antiborges* (1999), de Martín Laforgue, os quais reúnem as principais objeções ao autor e a sua literatura. Percebemos que nas últimas décadas os questionamentos sobre o escritor e sua obra foram minimizados ou excluídos de uma parcela significativa dos manuais de historiografia literária, mas observamos que essas discussões

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras (Área de Literatura e Vida Social) pela UNESP-Assis. Professora de Literaturas Hispânicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

foram inseridas em diversas ficções contemporâneas que transformaram o autor argentino em personagem.

Pablo Brescia em “Borges deviene objeto: algunos ecos” (2008, p.128) afirma que há uma tendência de “literaturizar” o escritor, isto é, transformá-lo em objeto literário. Esclarecemos que esse neologismo pode ser visto como sinônimo de ficcionalizar, uma vez que nessas criações Borges deixa de ser um autor para transmutar-se em personagem, um ser ficcional. Constatamos que a afirmação do crítico é correta, pois há uma série de obras em que o escritor foi literaturizado em distintas modalidades: contos, romances, peças de teatro, filmes e histórias em quadrinhos. Interessa-nos assinalar que esse procedimento de ficcionalização de Borges está presente em, pelo menos, três continentes: europeu, africano e americano.

Cabe frisar que foi o próprio escritor que iniciou esse processo, conforme aponta Brescia (2008, p. 141), entre outros. O estudioso defende que Borges adiantou-se a Roland Barthes e a Michel Foucault em anunciar a morte do autor. Em sua opinião, quando ele se tornou personagem de seus textos começou a desautorizar-se, foi irreverente consigo mesmo e se autotransformou em objeto literário. Em *Borges: el sueño imposible de ser* (2009), María del Carmen Rodríguez lista os contos borgeanos nos quais o escritor se literaturizou: “Hombre de La esquina rosada”, “La forma de La espada”, “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, “Funes el memorioso”, “El Aleph”, “El Sur”, “El Zahir”, “Episodio del enemigo”, “Veinticinco de agosto, 1983” e “El otro”. De acordo com a crítica, esse procedimento autoficcional é uma forma de enfatizar o princípio borgeano segundo o qual a literatura devora a realidade transformando-a em sua própria matéria, inclusive, o seu criador. Portanto, Borges pode ser considerado o iniciador de sua literaturização.

Na América Latina há vários escritores que ficcionalizaram o autor argentino em diferentes artes e gêneros, particularmente, em narrativas breves. Entre os contos latino-americanos que o converteram em objeto literário, merecem destaque: “La entrevista” (1979) e “El libro perdido de Borges” (2005), do argentino Mempo Giardinelli; “Borges, el comunista” (1979), do mexicano René Avilés Fabila; “El derby de los penúltimos” (2003), do peruano Fernando Iwasaki; “La novela de Borges” (1997), do argentino Pablo Brescia; “El hombre que robó a Borges” (1979), do uruguaio Rubén Loza; “A secretária de Borges” (2006), da brasileira Lúcia Bettencourt, e “Borges” (2007), do brasileiro Julián Fuks. Além disso, outros relatos breves interessantes que literaturizaram o escritor podem ser encontrados em algumas coletâneas, tais como *Borges múltiple. Cuentos y ensayos de cuentistas*. (1999), organizado por Pablo Brescia e Lauro Zavala; *Escrito sobre Borges. Catorce autores le rinden homenaje* (1999), organizado por Josefina Delgado, e *Galaxia Borges* (2007), organizado por Eduardo Berti e Edgardo Cozarinsky. As ficções assinaladas ilustram a diversidade dos

autores latino-americanos que transformaram Borges em personagem, visto que alguns já são consagrados e outros são iniciantes, além de terem distintas nacionalidades e poéticas.

Uma das explicações possíveis para o fenômeno da literaturização de Borges está relacionada com as suas contribuições para a produção literária. Entre outras inovações, ele rompeu os limites entre os gêneros, mesclando a ficção e o ensaio, por exemplo. Também teceu seus contos a partir da estrutura da narrativa policial clássica, contando duas histórias. Além disso, inseriu a si mesmo como personagem de algumas ficções, problematizou a separação entre o real e o fictício e questionou a noção de originalidade, defendendo a ideia de literatura como obra única. Nessa ótica, as obras literárias que ficcionalizaram o escritor podem ser compreendidas como um diálogo com a sua poética, uma maneira de homenageá-lo. Dessa forma, os autores que literaturizam Borges assumem-se como seus leitores, reconhecendo sua importância para a literatura contemporânea.

Não podemos esquecer que o escritor também atuou como tradutor, editor e crítico literário, divulgando diversos autores em seu país. Ricardo Piglia em “Borges como crítico” (2006, p.149) postula que ele foi um extraordinário leitor e que essa é a sua maior influência, uma vez que um dos grandes pilares de sua crítica foi a ruptura dos marcos tradicionais de leitura de um texto. O crítico sublinha sua defesa dos escritores considerados marginais da grande tradição europeia e considera-a uma estratégia para demarcar como os seus textos deveriam ser lidos. Em sua opinião, a promoção do gênero policial e da literatura fantástica pode ser vista como a construção de um espaço para a recepção de sua obra nesse contexto.

Piglia (2006, p.154) afirma que a principal tarefa crítica de Borges foi redefinir o lugar da narração ao propor que ela não depende exclusivamente do romance, além de relacioná-la à oralidade. Acentua que o escritor valoriza as formas breves e menospreza o romance, pois considera que ele não é narrativo. O estudioso sustenta que o termo “borgeano” consiste em um movimento de deslocamento, em ler tudo como literatura, já que um gênero pode ser considerado uma perspectiva de leitura. Em suma, é inegável que o autor argentino impactou a produção literária, bem como os estudos críticos, construindo uma obra paradigmática. Nesse sentido, sua crescente ficcionalização pode ser entendida como uma maneira de os escritores pagarem sua dívida com Borges, conforme indica Umberto Eco em *Pós-escrito a O Nome da rosa* (1985).

Vimos que a transformação do autor argentino em objeto literário é um fenômeno mundial, mas constatamos que a maior parte dessas ficções foram criadas por escritores latino-americanos, principalmente, em relatos breves. Em “Las ficciones de Borges”, Mario Vargas Llosa (1999, p.360) aponta que “Para el escritor latinoamericano, Borges significó la ruptura de un cierto complejo de inferioridad que, de manera inconsciente, por supuesto, lo inhibía de abordar ciertos asuntos y lo encarcelaba en un horizonte provinciano.” Nessa ótica,

ao apropriar-se da tradição literária universal, ele abriu novos caminhos para a literatura latino-americana. Contudo, a sua escrita revolucionária contrasta com a sua ideologia conservadora, problematizando sua inserção no meio literário latino-americano. Entendemos que uma possível explicação para a proliferação de obras que literaturizam Borges no âmbito da América Latina pode estar vinculada a um desejo de discutir o seu papel na literatura e na história do continente, dado que muitas dessas ficções abordam questões relacionadas à historiografia literária, bem como reconstroem episódios de sua biografia. Assim, sua literaturização pode ser compreendida como uma maneira de avaliar suas contribuições e suas limitações para a formação da cultura de nosso continente. Em outras palavras, trata-se de uma espécie de homenagem e de leitura crítica ficcional feita por seus pares, indicando como está sendo lido.

Tendo em vista essas considerações nos propomos a analisar nesse trabalho como o escritor foi recriado em dois contos de Mempo Giardinelli: “La entrevista” (1979) e “El libro perdido de Borges” (2005). Consideramos que estas ficções possibilitam examinar o processo da literaturização do autor argentino de um ângulo privilegiado, uma vez que foram escritas em épocas distintas, mas pelo mesmo escritor. Nesse sentido, investigaremos como Giardinelli releu e recriou ficcionalmente Borges, comparando os seus relatos e verificando como ele dialogou com a poética borgeana e com a história da literatura.

### **Os encontros entre Borges e Giardinelli**

Mempo Giardinelli é um reconhecido autor argentino. Escreveu romances, contos e ensaios, além de colaborar com diversos jornais e revistas latino-americanos. Sua obra literária está traduzida para vinte idiomas. Obteve vários galardões, entre os quais se destacam o Prêmio Rómulo Gallegos (1993), o Prêmio Democracia (2010) e o Prêmio Andres Sabella al Mérito Literario (2013). Foi professor da Universidade Iberoamericana (México), da Universidade Nacional de La Plata (Argentina) e da Universidade del Norte (Paraguai), entre outras instituições. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Poitiers (França) em 2006. Também fundou e dirigiu a revista *Puro Cuento* (1986-1992) e em 1996, criou a Fundação Mempo Giardinelli, da qual é presidente. Além disso, viveu vários anos exilado no México devido a sua oposição à última ditadura argentina (1976-1983).

Em “La entrevista” (1979), Giardinelli converte Borges em personagem. O relato é feito em primeira pessoa por um narrador que possui várias características do autor empírico, uma das marcas da literatura borgeana. A ação narrativa está situada em 2028 e a trama desenrola-se em Buenos Aires. O enredo gira em torno de um sonho do protagonista, um jornalista aposentado, no qual recebe um pedido de um editor norte-americano para

entrevistar Jorge Luis Borges em Buenos Aires. A seguir, ele rememora os seus encontros anteriores com o escritor e reconstrói a entrevista, além de, paralelamente, refletir sobre sua relação com Borges e discutir algumas questões literárias, dialogando com a poética borgeana e a história da literatura.

No conto, o escritor é descrito como um “[...] sujeto centenario [...] abroquelado en su ceguera irreversible, convencido de sus propias mentiras y necesidades, y tan fatuo como hace cincuenta años.” (GIARDINELLI, 1999, p.109). A citação apresenta Borges como um velho cego e insinua que sua cegueira não é apenas física, mas também relaciona-se com as suas mentiras, as quais não são explicitadas. Esse fragmento também recupera um dos elementos de sua biografia: a perda da visão. Posteriormente, o narrador nos informa que ele tem 130 anos. O protagonista ainda esclarece que desde que se tornou jornalista ele acompanha “[...] este viejo insólito al que tanto he admirado y, claro, tanto detesto todavía.” (GIARDINELLI, 1999, p.109). Assim, explicita que o seu relacionamento com o escritor é antigo e complexo, dividido entre o amor e o ódio. Acreditamos que a definição de Borges como um “velho insólito” nos remete à literatura fantástica, uma das preferências literárias do seu referente empírico.

A continuação, o jornalista afirma que a missão de entrevistar Borges incomoda-o e passa a enumerar os seus prós e contras. Por um lado, excita-o a possibilidade de voltar ao seu país e ter uma oportunidade para retomar a prática de entrevistador, da qual já está aposentado. Por outro lado, está velho, sofre de gastrite e duvida se conseguirá brilhar, confessando que se considera um velho jornalista vaidoso. Também elenca mais um motivo para não realizar essa tarefa: não sabe se tem vontade de ver o escritor novamente, problematizando mais uma vez o seu relacionamento com ele. Após essas reflexões, o narrador-personagem passa a relatar os seus encontros com Borges.

O protagonista assinala que conheceu o escritor em 1970 ou 1971, em um restaurante localizado entre as ruas Maipu e Florida. Na ocasião ele estava com três colegas de trabalho, os quais perceberam a presença de Borges, acompanhado de uma jovem. Acrescenta que o escritor acabara de divorciar-se e por serem jornalistas, dedicaram-se a conjeturar sobre sua vida privada. Enfatiza que neste primeiro encontro não aconteceu nada relevante, mas teve a impressão de ver “[...] al monstruo en persona, al estatuario sujeto de carne y hueso, setentón y marchito, dirigir sus ojos muertos a la joven, con esa mirada gélida, diría que horrorosa, como la de los pescados que se acumulan en las bodegas de los barcos.” (GIARDINELLI, 1999, p.110). Dessa maneira, o escritor é humanizado, pois é visto como um ser de carne e osso, e dessacralizado, comparado a um monstro e o seu olhar ao de um peixe morto. Além disso, aparecem alguns dados biográficos do autor argentino: o seu divórcio com Elsa Astete Milán em 1970 e os encontros com jovens admiradoras, bem como a sua idade: 70 anos.

A continuação, o narrador-personagem relata a segunda vez que encontrou Borges, alguns anos depois “[...] antes que yo saliera de Buenos Aires cuando la larga noche que se inició en 1976.” (GIARDINELLI, 1999, p.111). Esta citação é uma alusão à última ditadura militar argentina e recupera um episódio da biografia do autor empírico, o qual se exilou no México entre 1976-1984. O protagonista informa que o encontro ocorreu em uma sucursal do banco Galicia em frente a Plaza San Martín, “[...] casualmente ubicado en la misma manzana que el restaurante de la primera coincidencia.” (GIARDINELLI, 1999, p.111). O jornalista rememora que se irritou com a lentidão do idoso que estava na sua frente, o qual “Usaba un bastón y, a su lado, lo llebaba del brazo un hombre joven, quien hacia una exagerada ostentación de su célebre compañía.” (GIARDINELLI, 1999, p.111). Constatamos que o monstro do primeiro encontro agora se transformou em um objeto de ostentação.

O protagonista declara que em Buenos Aires “[...] era moda contar anécdotas de él, haberle dado la mano, cruzado unas palabras con “El Maestro”, en fin, futilidades de gente imbécil.”(GIARDINELLI, 1999, p.111). Afirma que estas histórias, verossímeis ou inacreditáveis, eram repetidas, incrementadas e exageradas por toda a classe média intelectual da cidade. Avalia que os jornalistas recorriam a estes relatos e enfeitavam-nos nas inúmeras reportagens que escreviam sobre Borges porque “[...] en aquellos tiempos no era posible tener un buen curriculum si no se incluía tan importante apellido.” (GIARDINELLI, 1999, p.111). Acrescenta que nas redações em que trabalhava sempre se falava do escritor, considerado um “tema culto”. Notamos que o personagem ironiza a relação que alguns conterrâneos estabeleceram com Borges, convertendo-o em um sobrenome obrigatório para o sucesso no meio jornalístico ou uma forma de aparentar erudição.

Depois de abordar a recepção do escritor entre os jornalistas argentinos, o protagonista explica que era um jovem de vinte e cinco anos e tinha outras prioridades e que “Fue un hecho casual el que me puso frente a la obligación – luego convertida en placer – de leerlo.” (GIARDINELLI, 1999, p.111). Novamente é o acaso que vai aproximar o jornalista e o escritor, já que ele ganhou um campeonato de xadrez na revista em que trabalhava e o prêmio consistiu nas obras completas de Borges. Desse modo, podemos dizer que há um terceiro encontro, agora com a obra borgeana, cuja leitura obrigatória rapidamente tornou-se prazerosa. Também revela que

A partir de ese acceso a su mundo onírico y maravilloso, fui estableciendo una relación muy peculiar con él. Digo peculiar porque creo que, como sucede entre los peces, es el chico el que teme al tiburón. El tiburón jamás se preocupa por la sardina. Su cometido es comer. Entonces come. (GIARDINELLI, 1999, p.112).

Eis uma metáfora do relacionamento entre os escritores novos, as sardinhas, e os consagrados, os tubarões, caracterizada pelo temor do fracasso e o desejo de superação da

geração anterior. O jornalista continua a descrever a sua relação com Borges, declarando que acompanhou sua vida literária tanto no exílio quanto no retorno à Argentina. Relata que leu as críticas e os elogios à obra borgeana e que alterou-se “[...] ante la obvia injusticia de que la Academia Sueca le siga negando el Premio Nobel [...]” (GIARDINELLI, 1999, p.112). Assim, ficcionaliza-se o contexto de recepção da literatura borgeana nos anos de 1970, marcado pela consagração e execração, e questiona-se a decisão dos acadêmicos suecos de não conceder o maior galardão das Letras para Borges, um evidente diálogo com a historiografia literária.

Depois de rememorar os seus encontros com o escritor, o protagonista relata sua entrevista com ele, realizada em sua casa em Buenos Aires. Declara que Borges está “[...] en su silla de ruedas, encogido y mustio como un clavel seco.” (GIARDINELLI, 1999, p.112). Essa caracterização enfatiza a fragilidade do personagem, representado como um inválido e decrepito ancião. O entrevistador também está velho e usa uma bengala, como se fosse o espelho do escritor. Somos informados que os dois conversam “[...] como dos viejos adversarios: con mordacidad, con una cierta monotonía, con respeto y con bastante humor.” (GIARDINELLI, 1999, p.112). A citação sinaliza o comportamento que será adotado pelos personagens durante a entrevista, a qual se transforma em um duelo verbal.

Entre outras discussões, o jornalista questiona a opção do escritor pelo nacionalismo e ele responde que isso foi no século passado, acrescentando que “[...] también fui comunista, radical, conservador. Solo los imbéciles no cambian de idea.” (GIARDINELLI, 1999, p.114). Eis uma síntese da participação do autor argentino na política de seu país, marcada por grandes mudanças ideológicas. O escritor afirma que se sente agredido por seu interlocutor, o qual deve ser “[...] un demócrata que abusa de las estadísticas. La democracia es una peste bubónica. La estupidez es popular.” (GIARDINELLI, 1999, p.114). Este fragmento traz à tona as polêmicas declarações do Borges empírico sobre o regime democrático, qualificado por ele como um abuso estatístico e uma peste bubônica, conforme registra Carlos R. Stortini (1990, p.55-56) em *O dicionário de Borges*.

No decorrer da entrevista, as provocações continuam e o escritor diz que isto está cansando-o e sugere que o jornalista encerre o encontro e escreva um relato em que ele é um medíocre que apaga o que outro escreve, porém muitos anos depois descobre que é o outro e que se dedicou a invalidar sua própria obra. Consideramos que não se trata de um exercício metaficcional, mas também de uma metáfora para a conflituosa relação entre os personagens. Borges inventa mais duas histórias: uma sobre um engenheiro dinamarquês, Egon Christensen, e outra sobre uma lenda dos índios tobas, habitantes do norte argentino. Por sua vez, o protagonista cria um relato sobre a vida de Satanás no México. Logo, o duelo verbal

transforma-se em um embate de ficções, um indício de que os dois são semelhantes porque se dedicam à literatura, ou melhor, são duplos, um dos principais tópicos da poética borgeana.

Vale a pena registrar que o jornalista tem consciência de que “[...] la sola mención de ese país inevitablemente despertaría en él evocaciones de su amistad con Alfonso Reyes, que mencionaría a sor Juana, a Vasconcelos y aun a “ese muchacho que me han dicho que se sentía el Borges azteca, un tal Octavio Paz”.” (GIARDINELLI, 1999, p.117). Esclarece que o escritor não só abordou os temas previstos, mas também fez comentários sobre a história mexicana. A citação dialoga com a historiografia literária porque não só lista destacados autores mexicanos, mas também compara Borges com Paz, retomando a leitura feita por alguns críticos, tal como Emir Rodríguez Monegal.

Subitamente, o escritor levanta-se, apoiado em sua bengala, e pergunta ao jornalista se ele poderia acompanhá-lo em uma diligência. Ele aceita e nota que Borges “[...] se había levantado de la silla de ruedas con una cierta jovialidad, con un movimiento asombrosamente ágil para su edad y su reconocida invalidez.” (GIARDINELLI, 1999, p.119). Sua observação representa um questionamento da verossimilhança interna do relato, já que o personagem foi caracterizado como um ancião centenário. Os personagens dirigem-se ao banco Galícia, curiosamente o mesmo local do segundo encontro. Outra semelhança entre os dois acontecimentos é o fato de Borges estar vestido da mesma maneira. Após descontar o cheque e trocar confidências com o escritor, o jornalista percebe que atrás deles há um jovem impaciente e tem a sensação de que o seu rosto é conhecido, quase familiar, mas não consegue identificá-lo.

Borges convida-o para almoçar. Ele aceita e dirigem-se a um restaurante que estava no mesmo quarteirão do banco, justamente onde se encontraram pela primeira vez, e o escritor comenta que costumava frequentar esse estabelecimento com uma jovem. O protagonista sente-se incomodado com esta declaração e, finalmente, descobre que “[...] vivía una situación ya acontecida, de que Borges me había envuelto en su telaraña, en una paradoja horripilante en la que la realidad era fantástica y la fantasía, verosímil.” (GIARDINELLI, 1999, p.121). Desse modo, problematiza-se o limite ente a realidade e a ficção, uma marca da poética borgeana. Ele sente-se preso na teia ficcional do escritor e não sabe mais em que ano está, embora suspeite que regressou ao século vinte. Tenta sair do restaurante, mas depara-se com outro Borges que entrava no local e começa a gritar. Novamente, o tema do duplo é abordado no conto através da duplicação dos personagens.

Logo depois, o jornalista desperta, acalma-se e pensa que tudo havia sido só um pesadelo. Em seguida, apresenta dois finais para o seu relato, recorrendo mais uma vez à metaficção. No primeiro, ele descobre que teve um sonho ruim e que não estava no século vinte e um e que Borges não era um velho de 130 anos. Já no segundo desfecho encontra uma



carta de um editor norte-americano encarregando-o de realizar uma entrevista com Jorge Luis Borges. Contudo, no último parágrafo, o protagonista revela que “[...] me di cuenta de que sigo siendo un viejo gástrico, caprichoso, que se empeña en imaginar lo imposible. Mañana cumpliré 82 años y lo más probable es que nadie, jamás, me encomiende entrevistar a Borges, Quien, por otra parte, vive muy lejos.” (GIARDINELLI, 1999, p.122). Portanto, o leitor depara-se com diferentes possibilidades de interpretação do relato e terá que optar por uma das versões ou, ainda, construir outra. Eis mais um elemento fundamental da poética borgeana: a concepção do leitor como autor.

Giardinelli também ficcionaliza o escritor argentino em “El libro perdido de Borges” (2005). Tal como no conto anterior, o relato é feito por um narrador em primeira pessoa que possui várias características do autor empírico. Nesta ficção, o encontro entre o escritor e o protagonista ocorre em um vôo entre México e Nova York, no final de 1980. O personagem nota a presença do escritor no avião e resolve cumprimentá-lo, apresentado-se como seu compatriota. Borges recebe-o amavelmente e ele comenta que tinha publicado, recentemente, um conto “[...] titulado “La entrevista” en el que yo imaginaba que él, Borges, llegaba a los 130 años de edad sin ganar el Premio Nóbel y un editor norteamericano de voz melíflua me encargaba a mí, para entonces un viejo cronista jubilado de ochenta y pico de años, que lo entrevistara.” (GIARDINELLI, 2005, p.22). Percebemos que se trata de uma paráfrase da ficção analisada anteriormente. Portanto, o contista estabelece um diálogo intertextual com sua própria obra.

O protagonista esclarece que, naturalmente, o escritor não se interessou por sua ficção, mas queria saber sobre o seu conhecimento de sua literatura. Então, conta-lhe que começou a lê-lo por acaso, narrando que venceu o torneio de xadrez na revista que trabalhava em 1975 e como prêmio recebeu as *Obras Completas* de Jorge Luis Borges. Em suma, trata-se de uma retomada de uma anedota relatada em “La entrevista”. No entanto, há uma variação importante, pois no primeiro conto o acontecimento não é datado enquanto o segundo é situado em 1975, um ano antes do início da última ditadura argentina.

Interessa-nos ressaltar que o personagem justifica o fato de não ter lido a literatura borgeana antes porque “[...] era un jovencito infatuado que por entonces privilegiaba a la Revolución por sobre la Literatura y que no lo había leído por puros prejuicios juveniles.” (GIARDINELLI, 2005, p. 23). Logo, ele realiza uma autocrítica, além de revelar mais um dado biográfico do autor empírico: o seu apoio as transformações sociais do continente latino-americano. Borges responde que talvez ele tivesse razão porque “Fue el año en que yo dije que Pinochet y Videla eran dos caballeros. Un desatino del que hoy me avergüenzo.” (GIARDINELLI, 2005, p.23). Assim, ambos reveem suas posições na década de 1970, minimizando-as. O protagonista avalia que sua atitude de não ler a literatura borgeana por

causa de seus preconceitos foi imperdoável, já que ele era um jovem aspirante a narrador, acrescentado que logo supriu essa falta. Pensamos que essa *mea culpa* indica a transformação de seu relacionamento com o escritor.

Também podemos entender essa parte do relato como uma forma de problematizar a relação do autor argentino com alguns de seus conterrâneos, dado que muitos admiravam sua obra, mas discordavam de suas posturas conservadoras. Entre outras objeções, o seu apoio aos ditadores latino-americanos Augusto Pinochet e Rafael Videla foi questionado por diversos intelectuais e dificultou a circulação de sua literatura em determinados meios. Dessa maneira, a autocrítica que o escritor realiza no fragmento citado é uma alusão a mudança de posicionamento do Borges empírico, o qual, na década de 1980, reconheceu ter errado ao apoiar a ditadura argentina. Vale a pena recordar que o seu suporte aos regimes ditatoriais da América Latina é apontado por vários estudiosos como a principal causa de ele não ter recebido o Prêmio Nobel.

O narrador-personagem continua a descrever a conversa entre eles. Comenta que nunca entendeu a insistência do escritor em mencionar textos inexistentes, elencando-os: la *Primera Enciclopedia de Tlön*, *El acercamiento a Almotásim*, *El Dios del Laberinto*, *Abril Marzo* y *El Espejo Secreto*. Cabe registrar que a resenha de obras fictícias é uma das marcas da poética borgeana e aparece em vários relatos do autor argentino, tais como “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, “El acercamiento a Almotásim” e Examen de la obra de Herbert Quain”, entre outros, nos quais aparecem os títulos assinalados pelo personagem. Borges ri e afirma que somente um dos livros citados é verdadeiro e que está com ele. O seu interlocutor olha-o fixamente, “[...] encandilado por ese hombre delicado y magro cuya ceguera miraba mejor que nadie el infinito vacío que había del otro lado de las ventanillas, mientras acariciaba rutinariamente la empuñadura de su bastón.” (GIARDINELLI, 2005, p.24). Notamos que o escritor é caracterizado como um homem delicado e magro, além de ser, paradoxalmente, um cego que possuía uma visão privilegiada. Borges oferece-lhe o manuscrito e ele retorna ao seu assento para lê-lo. Eis mais um tópico da poética borgeana: a cena da leitura.

Somos informados que o livro se chamava *El irregular Judas* ou algo parecido e que “[...] era una novela, o lo que yo supongo que debía haber sido la novela de Borges, mecanografiada por alguien a quien él le había dictado.” (GIARDINELLI, 2005, p. 25). O fragmento problematiza um dos elementos centrais da poética borgeana, dado que historicamente o autor argentino nunca escreveu um romance e considerava o gênero romanesco não narrativo, conforme já vimos. Portanto, trata-se de uma obra apócrifa, tal como fizera Borges. Também alude a um dado biográfico do autor argentino, o qual ditava os seus textos após ter perdido a visão.

O narrador apresenta a trama do romance borgeano que reconstrói o primeiro exercício ficcional feito pelo escritor no conto anterior, ou seja, a história do engenheiro dinamarquês Egon Christensen. Para o protagonista, o mais extraordinário “[...] eran su prosa, la infinita rigurosidad de vocablos, el armado preciso y despojado de la secuencia exponencial, una inevitable mención a Adolfo Bioy Casares, la retórica perfecta y sobre todo la erudición [...]” (GIARDINELLI, 2005, p.26). Ao resenhar uma obra inexistente, o personagem aponta as principais características do estilo borgeano e ficcionaliza o discurso crítico, mesclando a ficção e o ensaio, uma das características da poética de Borges. Assim, o contista apropria-se de um procedimento usual da literatura borgeana, o qual, ironicamente, havia sido criticado por seu referente textual.

Ao finalizar a leitura, o protagonista sente-se perplexo e considera-se um leitor privilegiado. Tenta devolver o texto ao seu criador, mas ele está dormindo e deposita-o em seu colo. Logo desembarcam e Borges é recepcionado por uma multidão, sendo levado para uma sala VIP. Dessa maneira, explicita-se que o escritor tornou-se uma celebridade. No momento em que está passando pelo setor de Migração, ele percebe que um homem alto e loiro, aparentando ser escandinavo, estava com a pasta que continha o romance de Borges. Essa descrição nos remete ao personagem do primeiro relato apócrifo borgeano apresentado em “La entrevista”. Logo, Giardinelli não só transforma Borges em um romancista, mas também cria um personagem que rouba o texto que ele protagonizava, questionando a noção de autoria.

O protagonista revela que entrou em pânico ao pensar que poderia ser acusado de furto e passa a ler os jornais, angustiado, buscando notícias sobre o manuscrito borgeano. Contudo, sua procura é infrutífera. Porém, em 1985, ele reencontra Borges durante uma apresentação de um livro de viagens escrito em colaboração com María Kodama. Faz questão de enfatizar que já não estava mais exilado, demarcando a mudança do contexto histórico. Informa que compareceu ao evento para perguntar ao escritor sobre o romance perdido, mas foi surpreendido porque ao responder a primeira pergunta do público, ele contou que “[...] una vez, durante un viaje en avión, había soñado con un tipo que se le acercaba desde la clase turista y al que él engañaba entregándole un texto apócrifo que aquel hombre jamás le devolvía.” (GIARDINELLI, 2005, p. 28). Assim, a história que ele tinha vivenciado foi reduzida a um sonho pelo escritor e ele decide calar-se. O conto termina com a menção da morte de Borges em Genebra.

### **Considerações finais**

Verificamos que os dois contos analisados têm como eixo encontros ficcionais entre Borges e Giardinelli, os quais foram convertidos em personagens, um procedimento característico da poética borgeana. Observamos que o contista dialogou com a literatura borgeana e a história da literatura em seus relatos, refletindo também sobre o seu complexo relacionamento com o escritor. Aliás, é importante salientar que Borges despertou várias polêmicas entre os intelectuais latino-americanos devido as suas posições conservadoras e as suas inovações literárias, encontrando defensores e detratores. Nessa ótica, as ficções de Giardinelli representam a relação de amor e de ódio que muitos escritores estabeleceram com o autor argentino.

No primeiro relato o diálogo com a poética borgeana ocorre de diversas maneiras. Uma delas é a menção de algumas obras, tais como “La biblioteca de Babel”, “El jardín de senderos que se bifurcan” e “El hombre de la esquina rosada”, durante os diálogos entre os personagens. Também identificamos vários tópicos da literatura de Borges presentes na narrativa: espelho, labirinto, memória, acaso, biblioteca, duplo, entre outros. Além disso, são citados alguns autores admirados pelo escritor: Kierkegaard, Schopenhauer, Alfonso Reyes. Já no segundo conto merecem destaque a resenha de uma obra apócrifa e a cena da leitura, características da poética borgeana. Afinal, Borges resenhou vários livros inexistentes, enganando até alguns leitores experientes, e muitos de seus textos ficcionalizam o processo de leitura, tal como fez Giardinelli que se representou como um leitor privilegiado de um romance borgeano inexistente. Esta ficção apresenta, ainda, vários textos do autor argentino por meio de referências indiretas a obras apócrifas criadas por ele.

Notamos que os dois relatos trazem à tona o fato de Borges não ter recebido o prêmio Nobel, questionando a decisão da academia sueca e dialogando com a historiografia literária. Constatamos que as ficções de Giardinelli também dialogam com a história da literatura ao recriar os diferentes contextos de recepção da literatura borgeana. Na primeira o protagonista estabelece uma relação de amor e ódio com o escritor, enquanto na segunda expressa sua admiração por sua obra e faz uma autocrítica de seus preconceitos juvenis. Cabe frisar que a mudança no relacionamento do personagem com Borges expressa a transformação do paradigma de leitura da literatura borgeana, motivado pelo surgimento da ideologia do texto, entre outros fatores. Segundo essa perspectiva teórica, o posicionamento ideológico de um autor não é relevante e deve-se considerar apenas a sua obra. Desse modo, essa vertente crítica contribuiu para a ruptura da dicotomia entre o criador de uma poética revolucionária e o Borges ideologicamente conservador, possibilitando sua canonização.

O contista também reconstrói vários acontecimentos da biografia do autor argentino. Na primeira narrativa há referências ao seu divórcio, a sua amizade com Alfonso Reyes e as suas mudanças ideológicas, enquanto na segunda menciona-se a elaboração de um livro em

parceria com María Kodama, a autocrítica de seu apoio aos ditadores latino-americanos (Videla e Pinochet) e sua morte em Genebra, entre outros dados biográficos. Além disso, as ações do primeiro conto mencionam locais frequentados pelo Borges empírico, pois historicamente ele morou na rua Maipu e costumava passear pela Plaza San Martín. Poderíamos pensar que o contista usa esses elementos espaciais para construir a verossimilhança externa de seu relato, visando inserir o seu relato na estética realista. No entanto, observamos que também utiliza alguns tópicos característicos da literatura fantástica, especialmente o sonho, presente nos dois contos. Inferimos que Giardinelli joga com os limites entre o real e o fictício em suas narrativas, tal como fizera Borges.

Interessa-nos destacar que o contista representa o autor argentino de distintos ângulos. Em “La entrevista”, ele é inicialmente caracterizado como um velho cego centenário, um monstro, um tubarão e um objeto de ostentação. Paradoxalmente, o narrador-personagem também descreve-o como alguém de carne e osso, humanizando-o. Já em “El libro perdido de Borges”, ele é descrito como uma celebridade, um homem delicado e que, embora esteja cego, possui uma visão privilegiada. Além disso, o escritor cria duas histórias dentro do conto, uma alusão ao recurso da metaficção, uma marca da poética borgeana. Portanto, as duas narrativas humanizam Borges e reforçam a sua tradicional imagem de velho cego letrado.

Não podemos deixar de examinar a autorepresentação de Giardinelli em seus relatos. No primeiro, ele surge como um velho octagenário e depois transforma-se em um jovem, duplicando-se, além de ser comparado a uma sardinha. Percebemos que no segundo conto também aparecem duas representações do escritor, pois o narrador-personagem faz uma autocrítica de seus preconceitos juvenis, demonstrando que amadureceu e tornou-se um leitor borgeano assumido. Além disso, ficcionaliza alguns elementos da sua biografia: o exílio no México, o seu apoio à Revolução e a autoria de “La entrevista”.

Por um lado, algumas dessas descrições inserem os escritores em campos opostos, principalmente, o contraste entre o tubarão e a sardinha, uma metáfora para a relação entre os velhos e os novos escritores, como já abordamos. Por outro, podemos entender as ficções de Giardinelli como uma maneira de inverter esse paradigma, dado que o contista devora Borges transformando-o em seu personagem, igualando-os. Consideramos que ao dialogar com a sua poética e com a história da literatura ele explicita que é um leitor borgeano e aproxima-se do escritor, do qual esteve afastado por diferenças ideológicas.

Em “Beneficios y maleficios de Jorge Luis Borges”, Augusto Monterroso (1999, p.346) afirma que o encontro com o autor argentino sempre tem consequências. Nesse sentido, entendemos que os objetivos de Giardinelli ao literaturizar Borges foram humanizá-lo e aproximar-se ficcionalmente do escritor. Em outras palavras, os seus encontros literários

oportunizaram a discussão de sua relação com o escritor, problematizando suas diferenças geracionais e ideológicas. Uma das consequências dessa aproximação foi a realização de uma autocrítica no segundo relato, uma espécie de continuação do primeiro, no qual assumiu-se como um leitor borgeano. Nesse sentido, ao ficcionalizar Borges, o contista homenageou-o ao utilizar vários procedimentos e tópicos de sua poética na construção de suas ficções, oportunizando novas leituras da literatura borgeana e de seu criador. Talvez a conversão do autor argentino em personagem seja a maior prova da atualidade da obra de Borges, um dos personagens mais assíduos da literatura contemporânea.

### *Borges, un asíduo personaje de los cuentos latinoamericanos: las relecturas ficcionales de Mempo Giardinelli*

**Resumen:** Además de ser objeto de inúmeros estudios críticos y académicos, Jorge Luis Borges ha sido convertido en personaje de varias narrativas en diversos países. En Latinoamérica, su literaturización está presente, principalmente, en los cuentos. Consideramos ser relevante analizar esas obras, pues representan un procedimiento creciente en el ámbito literario latinoamericano contemporáneo. Visando contribuir con la discusión del tema, en ese trabajo examinaremos como el autor argentino fue ficcionalizado en dos contos de Mempo Giardinelli: “La entrevista” (1979) y “El libro perdido de Borges” (2005). Así, investigaremos los objetivos de Giardinelli al literaturizar al escritor y como dialogó con la poética borgeana y la historia de la literatura en sus ficciones.

**Palabras-clave:** Borges personaje. Cuento latinoamericano. Literatura contemporánea. Mempo Giardinelli.

#### **Referências**

BORGES, J.L. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974.

BRESCIA, P. Borges deviene objeto: algunos ecos. *Variaciones Borges*, Pittsburgh, n.26, oct. 2008.

ECO, U. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FLÓ, J. (comp.). *Contra Borges*. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1978.

GIARDINELLI, M. La entrevista. In: BRESCIA, P. et ZAVALA, L. (comps.). *Borges múltiple*. Cuentos y ensayos de cuentistas. México: UNAM, 1999.

\_\_\_\_\_. El libro perdido de Borges. In: *Estación Coghlan y otros cuentos*. Buenos Aires: Ediciones B, 2005.

LAFORGUE, M. (org.). *Antiborges*. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 1999.

MONTERROSO, A. Beneficios y maleficios de Jorge Luis Borges. In: BRESCIA, P. et ZAVALA, L. (comps.). *Borges múltiple*. Cuentos y ensayos de cuentistas. México: UNAM, 1999.

PIGLIA, R. Borges como crítico. In: *Crítica y ficción*. Barcelona: Anagrama, 2006.

RODRÍGUEZ, M. C. *Borges: el sueño imposible de ser*. Buenos Aires: Biblos, 2009.

STORTINI, C. R. *O dicionário de Borges: o Borges oral, o Borges das declarações e das polêmicas*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1990.

VARGAS-LLOSA, M. Las ficciones de Borges. In: BRESCIA, P. et ZAVALA, L. (comps.). *Borges múltiple*. Cuentos y ensayos de cuentistas. México: UNAM, 1999.